

MARACATUS DE BAQUE SOLTO:

Da intervenção ao espetáculo

Rosana Maria dos SANTOS*

RESUMO: Durante muitos anos os maracatus de baque solto sofreram com a falta de reconhecimento por parte dos pesquisadores, assim como também foram “perseguidos” pela imprensa pernambucana e a Federação Carnavalesca de Pernambuco. Na atualidade, durante os dias de carnaval, dezenas de ônibus transportam esses homens, mulheres e crianças para as mais diversas cidades do interior de Pernambuco e para a capital do estado. São homens que desejam construir sua própria história, denunciar uma realidade, e acima de tudo, desejam tornar-se importantes, pelo menos nos dias de momo. Desse modo, o trabalho se propõe a analisar a intervenção feita pela Federação Carnavalesca de Pernambuco e a espetacularização que os maracatus de baque solto sofrem na atualidade.

Palavras-chave: Carnaval de Pernambuco; Espetacularização; Maracatu de Baque Solto

ABSTRACT: For many years the Maracatu of Baque solto suffered from the lack of recognition by researchers and have been also "persecuted" by the press Pernambucan and the Carnival Federation of Pernambuco. Today, during the days of carnival, dozens of buses carrying these men, women and children to the most diverse inner cities of Pernambuco and the state capital. They are men who want to build their own history, report a reality, and above all, want to become important, at least in the days of momo. This way, the study aims to analyze the speech made by the Federation of Pernambuco Carnival and the spectacularization which the Baque solto Maracatus suffer today.

Keywords: Carnaval of Pernambuco; Spetacularization; Maracatu de Baque Solto

1. A origem dos Maracatus de baque solto

O artigo se propõe a analisar como os maracatus de baque solto conseguiram passar pela intervenção feita pela Federação Carnavalesca de Pernambuco na década de trinta, e na atualidade, passam pelo processo de espetacularização. O tema que proponho problematizar deve ser considerado pelo olhar da historiografia inglesa, ou seja, uma história vista de baixo para cima. Partindo da teoria de Thompson (2001, p. 211), e o seu estudo da história social que “privilegia o aspecto ativo e voluntarista, criador de valores da cultura popular: o povo faz e refaz a sua própria cultura”.

Com a abolição da escravidão muitos escravos passaram a ser “moradores” dos engenhos. Esses caboclos (como eram conhecidos) começaram a se vestir de índios, como diz Manuel Correia: índios semicivilizados, a saírem anunciando sua chegada com chocalhos presos em suas costas anunciando a sua chegada. Esses caboclos carregavam nas mãos pedaços de

* Graduada em Gestão de Turismo pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE) e Pós-Graduada em Turismo e Patrimônio e em História do Nordeste do Brasil. Atualmente é estudante de história da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: rosanamaria23@ig.com.br

madeira, que diziam ser uma lança e a enfeitavam. Eles também cobriam suas cabeças com chapéus afunilados. Muitos saíam sozinhos de suas casas, mas logo formavam um grupo, uma tribo ou nação.

Com o passar do tempo foram se agregando também ao som dos chocalhos e outros instrumentos como o mineiro, a poica, o tambor e algum tempo depois o trombone. Assim formaram o terno. Aos pouco foi surgindo à necessidade de organização, e surgia assim o dono do maracatu (SILVA, 2008).

Segundo Manoel Salustiano,

(...) quando o maracatu de baque solto foi surgindo nas senzalas se batia o mulungu e se fazia uma roda e se cantava martelo em ficção que era o cântico da época, ali eles manobravam no terreiro depois da suposta libertação. Quando acabou, quando ele foi conquistando a sua liberdade ele sai em grupo sai em cortejo visitando outros sítios. Daí o camarada cria um terreiro, um cavalo marinho, o cara cria um coco, uma ciranda e o maracatu é do mesmo jeito, não existe essa coisa de protesto não (ENTREVISTA, 2012).

Os maracatus de baque solto tem sua origem na Zona da Mata de Pernambuco. Eles são conhecidos como maracatus de orquestra, de baque solto ou ainda maracatus rurais. Mas, segundo Manoel Salustiano,

Rosana: Existe diferença entre maracatu rural e maracatu de baque solto?

Manoel Salustiano: Existe. Não existe maracatu rural não. Se existe maracatu rural tem que existir maracatu urbano. Você já viu maracatu urbano?

Rosana: não! mas entre os macatuzeiros não existe essa diferença?

Manoel Salustiano: porque os pesquisadores eles colocam na cabeça deles que tem que ser rural, como o homem da cultura é um homem de pouca leitura aí eles acreditam que o pesquisador está acima da verdade deles. Rural é um nome pejorativo criado por uma pesquisadora Katarina Real nos anos 60 quando ela passou aqui pelo Brasil, que é uma americana.

Rosana: então o senhor reconhece como maracatu de baque solto?

Manoel Salustiano: O nome correto é maracatu de baque solto, ele foi colocado como maracatu rural por Katarina Real, mas ele é maracatu de baque solto.

Rosana: mas porque chama de baque solto?

Manoel Salustiano: Pela pancada solta o maracatu nação ele tem a pancada virada.

Durante muitos anos os maracatus de baque sofreram com a falta de reconhecimento por parte dos pesquisadores assim como também, eles foram “perseguidos” pela imprensa pernambucana e pela Federação Carnavalesca de Pernambuco.

Esses brincantes surgiram no século XX, formado por trabalhadores da cana de açúcar. Hoje muitos deles habitam a região metropolitana do Recife onde se pode encontrar alguns maracatus oriundos da Zona da Mata como o maracatu Cruzeiro do Forte, o Leão Formoso de Olinda e tantos outros.

Segundo Medeiros (2005) alguns maracatus de baque solto surgiram a partir de uma luta de classes entre o grande latifundiário da cana de açúcar e o trabalhador rural. Assim os trabalhadores da cana se utilizam de manifestações criadas pelas classes subalternas para expressarem um protesto a uma situação de opressão.

Porque na época que começou o maracatu, eles faziam aquele samba na senzala em protesto de alguma coisa que existia entre os seres vivos. Eles achavam ruim, ele era feito índio. O índio, quando tão dançando tão dançando ali, é um protesto.

... O Mateus, a Catirina e a burra eram os captadores de recursos do maracatu, aí era um personagem de muita utilidade e é onde você vê os inícios da vida

dele dentro do maracatu, são quem esse povo? Cambiteiro dos engenhos, cortador de cana, ciscador de mato, roçador de mato (...) e o maracatu foi criado para você que não sabe, porque ninguém disse para você: foi criado na senzala do engenho para o próprio povo do campo.

o maracatuzeiro criou o seu maracatu para o seu próprio divertimento, para esquecer das angústias que passava nos engenhos. Ele ficava agarrado seis dias da semana no pesado e, quando era no sábado a partir das 10 horas da noite, tinha o maracatu para esquecer aquilo dali, para se divertir. Para esquecer o sofrimento (MEDEIROS, 2005, p.92).

O depoimento acima é de um trabalhador do corte da cana que justifica a criação do maracatu a falta de liberdade, humilhação e sofrimento dos trabalhadores da Zona da Mata. O maracatu de baque solto tem sua raiz em uma região onde historicamente a violência e exploração é sua característica comum. Onde o explorado vê na brincadeira uma forma de resistir, e ao mesmo tempo esquecer a exploração.

No Recife a fundação da maioria dos maracatus de orquestra data de 1930 e 1940, como é o caso do Cruzeiro do Forte e Almirante do Forte (1929) que hoje é considerado maracatu de baque virado.

Na atualidade, durante os dias de carnaval, dezenas de ônibus transportam esses homens para as mais diversas cidades do interior de Pernambuco, assim como também para a capital. São homens que desejam construir sua própria história, denunciar uma realidade, e acima de tudo, desejam tornar-se importante, pelo menos nos dias de carnaval. Por isso, eles demonstram em suas apresentações a imagem do guerreiro, o bravo, o forte que constrói os seus próprios caminhos que trilhará pelo mundo. Muitas vezes é no brinquedo que ele diminui a impotência, dependência e falta de liberdade no trabalho da cana da Zona da Mata de Pernambuco. Desse modo o caboclo de lança está sempre preparado para a luta, para resistir e ao mesmo tempo entrar no mundo da fantasia e ser o que quiser ser.

Manoel Salustiano: (...) o maracatu é minha vida mesmo, maracatu é uma coisa tão interessante que o camarada pode ser um catita, pode ser um Mateus, mas ao mesmo tempo ele se torna um rei, daqui a pouco ele é um presidente. **Então a gente cria o nosso mundo, a gente se torna uma autoridade e ao mesmo tempo se a gente quiser se divertir como um simples catita, um simples Mateus. A gente se diverte.** Maracatu é um mundo sem preconceito, maracatu de baque solto ele começa a quebrar o preconceito desde a nascença aonde o homem tem a coragem de se vestir de mulher e ele não é obrigado a ser homossexual, ele se veste e se diverte. e o homossexual dentro do maracatu de baque solto ele também é bem recebido, porque ele é um brinquedo machista, mas que não tem preconceito. É onde o homem pinta de negro... o negro se pinta de negro pra ser um Mateus... é um mundo sem preconceito. (grifo da autora)

Para Assis (1996),

Um outro aspecto que envolve o caboclo de lança é sua imagem de guerreiro. Seu surgimento, na verdade, nos faz pensar nos conflitos de terras existentes na Zona Rural, entre os trabalhadores da terra e os senhores de engenho. Numa perspectiva fenomenológica, poderíamos ainda fazer uma digressão encontrando a origem destes conflitos rurais num momento anterior. Entre os colonizadores e os índios, foram travadas intensas batalhas, no processo de interiorização do Brasil, onde a expropriação aliada ao genocídio marcaram este momento. A figura do caboclo de lança, numa versão pitoresca, teria saído destes conflitos, estabelecendo sua imagem do guerreiro pronto para a guerra, para o confronto, e, acima de tudo para a resistência (ASSIS, 1996, p.28).

São várias as indumentárias que caracterizam esses guerreiros. Sua indumentária é colorida com a predominância de cores fortes e vibrantes como o vermelho e o amarelo. A roupa do caboclo chega a pesar cerca de 20 kg a 40 kg que incluem a cabeleira, a guiada (lança) e os chocalhos. Os adereços que compõem o caboclo de lança são: Ceroulão, calça de chitão com elástico nas pernas; Fofa, que é calça frouxa com franja que fica em cima do ceroulão; Meião comprido como de jogador, preso à perna com liga de elástico; Camisa de mangas compridas de cores vivas, sobre esta o surrão; Surrão também chamado de maquinada, uma armação de madeira coberta de lã de cor viva, amarrada nas costas que ergue os ombros e possui uma bolsa confeccionada de pelúcia sintética, imitando o couro de carneiro (usada anteriormente), onde são presos cerca de cinco chocalhos, na altura das nádegas; os chocalhos que provocam um barulho agressivo e primitivo que vibram num compasso forte e seco quando os caboclos se movimentam. Os chocalhos presos no surrão que são sempre em número ímpar, para espantar o azar; a gola colocada em cima do surrão, parece uma grande túnica que vai até a altura dos joelhos, caindo como um poncho. A gola tem grande destaque e representa o maior orgulho e vaidade do caboclo de lança. Na maioria das vezes é confeccionada durante o ano inteiro pelos próprios caboclos, sendo resultado de todas as suas economias. Durante suas apresentações nos dias de carnaval o caboclo exibe com orgulho sua Gola, muitas vezes resultado de sua própria economia, muitos chegam a passar fome para confeccionar sua gola; o lenço é colorido e amarrado na cabeça, sobre este um chapéu de palha enfeitado de fitas multicoloridas de papel crepom ou celofane e em cima deste, a cabeleira; cabeleira é enorme, formada por tiras bem finas de papel celofane ou laminado bem coloridas, semelhante a uma juba de leão. (MEDEIROS, 2005)

Os caboclos de lança ainda pintam o rosto com uma tinta vermelha, geralmente o urucum, procedimento semelhante aos adotados pelos indígenas, quando iam enfrentar uma luta. Para se proteger do mal, usam um galho de arruda atrás da orelha e um cravo branco ou uma rosa na boca. Isso busca manter o corpo fechado contra as adversidades, porque foi calçado pela força da Jurema. Muitos chegam a passar os dias de carnaval sem tomar banho.

Outro adereço utilizado entre os caboclos é o óculo escuro e para muitos o óculos demonstra status, poder. Eles usam tênis, para uma melhor locomoção, pois o sol e o peso da indumentária muitas vezes podem causar desconforto e o caboclo precisa está bem preparado.



Caboclo de Lança do maracatu Cruzeiro do Forte
Foto: Rosana Santos (carnaval- 2012)

Nas apresentações dos maracatus rurais além dos caboclos de lança, que desfilam em um rápido movimento mexendo os chocalhos. Os caboclos também se apresentam saltando e correndo, mas sempre em fileiras de modo a proteger a corte.

O maracatu rural também possui quatro personagens da lenda do Bumba-meu-boi e do cavalo marinho que são: o Mateus, Catirina, Caçador e a burra calu. Esses personagens ficam a frente do maracatu. Essas figuras tem uma forte notoriedade na Zona da Mata de Pernambuco sobretudo pela sua história. Conta-se que os negros Mateus e Catirina se encontravam perdidos no mato, com fome, quando surgiu um caçador acompanhado de uma burra chamada Calu. O caçador e a burra lhes deram comida e lhe ajudaram a encontrar o caminho de casa. Por causa disso, de vez enquanto, o caçador e sua burra fazem uma festa e convidam várias pessoas. Catirina serve a comida e bebida aos visitantes, ela é representada como uma negra com uma cesta de alimentos nas mãos.

Mateus representa no maracatu o negro, o trabalhador em busca do trabalho. Ele apresenta-se acompanhado do amigo Bastião e sua mulher Catirina. Eles representam os excluídos os despossuídos de bens materiais. Mateus veste uma roupa esfarrapada, conduz uma bexiga de boi secas e infladas, com as quais efetua punições e pagamentos. Bastião é o trabalhador a procura de emprego, desprovido de segurança e com roupas rasgadas, carrega os seus objetos pessoais no matulão. Bastião é um retirante, sem teto fixo ele está sempre em busca de trabalho. Ele também usa a bexiga de boi, mas esta é seca e inflada com a qual efetua pagamentos e punições. (MEDEIROS, 2005)

No maracatu rural Mateus (pode ser chamado de Mateu) é um batedor, ou seja, pede dinheiro e faz muitas palhaçadas. Catirina (pode se chamada de catita) é uma preta, com roupa de baiana, saia rodada, lenço no cabelo e durante as apresentações do maracatu tem a função de conseguir alimentos para serem distribuídos entre as pessoas que compõem o maracatu. Calu, a burra também se encontra a frente do maracatu.

No maracatu existe também a calunga, que é chamada por muitos de “a boneca”, ela é símbolo da proteção espiritual. No maracatu de baque solto o ritual para a preparação da calunga é diferente, pois a calunga está ligada a linha da umbanda, a corrente da jurema. É feita de pano e de cor negra, pode ser levada pela madrinha ou a dama da boneca.

A dama da boneca ou a madrinha tem a função de conduzir a boneca durante os dias de carnaval, a personagem fica no centro do maracatu .

As baianas ou damas de buquê usam saias longas e rodadas, com muito colorido. Enfeitam-se também com um chapéu florido coberto de tecidos. Geralmente trazem as cores das entidades espirituais que regem individualmente cada uma delas. Antigamente as baianas eram homens, mas esses se apresentavam sem nenhum traço feminino o que era motivo para a ridicularização.



Dama de buquê do maracatu Leão Formoso
Carnaval 2012- Nazaré da Mata Foto: Rosana Santos

O caboclo de pena ou tuxuaua ou arreiamá, estes se apresentam em um número bem menor que os caboclos de lança. Em sua cabeça porta uma coroa bordada com vidrilhos e grandes penas de pavão e algumas fitas que caem ao lado das orelhas. Geralmente, veste ceroulas, camisas de mangas compridas e calçam tênis. Usam uma gola colorida como os caboclos de lança. Carregam um machado cheio de fitas coloridas nas mãos e um cocar de plumas de pavão na cabeça. Alguns usam um instrumento conhecido como “cabacinha” na cintura. Segundo Medeiros (2005), arreiamá está se referindo ao fato de que ele tira o mal, ou seja, arreia o mal. Segundo a tradição dos maracatuzeiros ele tira todo o atrapalho que tiver no maracatu, limpa o terreiro, faz a limpeza.

Indos e Índias eles representam uma classe subalterna e explorada tanto na Zona da Mata como no Brasil. Os índios são personagens que não podem faltar no maracatu de baque solto.



Ao centro as índias do maracatu Leão Formoso
Foto: Rosana Santos (carnaval-2012)

O mestre é o tirador de loas, esses homens possuem uma grande habilidade para o improviso. Eles animam, dirigem e dizem o que o maracatu deve fazer. Possuem um apito, uma bengala ou batuta para comandar o maracatu. Quando o mestre apita e levanta a bengala, todos param e ele canta os versos que são chamados de loas. Depois ele apita novamente e a orquestra volta a tocar e todos executam suas coreografia de forma solta, ou seja, sem ser algo sincronizado. Sem o mestre o maracatu não sai na rua.



Parada para a tirada do mestre
Foto: Rosana Santos (carnaval-2012)

A corte é formada por um rei, rainha, príncipe, princesa, vassalo e dama da rainha. A corte não tem origens do maracatu rural, esses personagens foram incorporados por uma imposição da Federação Carnavalesca de Pernambuco (este fato será tratado posteriormente).

Menino lampião ou lanterneiro também é uma exigência da FECAPE. Esse personagem está vinculado a época em que os trabalhadores da cana se locomoviam entre um engenho e outro e se utilizavam de candeeiro movido a gás.

Por último tem a figura do caçador, segundo os maracatuzeiros da Zona da Mata, todo maracatu rural tem que ter um caçador.

Desse modo, pode-se perceber que alguns personagens foram introduzidos dentro dos maracatus de orquestra por imposição da Federação Carnavalesca de Pernambuco que até meados da década de cinquenta era a responsável pela organização do carnaval. Essa imposição levou a duas situações: ou os maracatus aceitavam a imposição ou mudavam de baque. Foi o que ocorreu com o Almirante do Forte (embora os seus líderes neguem que a mudança de baque esteja relacionado ao fator financeiro), o maracatu Indiano, ao Cruzeiro do Forte que de uma forma ou de outra sofreram intervenções da Federação Carnavalesca. Pois ou se adequavam as exigências, ou não recebiam subsídios e conseqüentemente não participavam do concurso. O brinquedo passou a ser controlado pelos dominantes. O maracatu rural que surgiu como sinônimo de luto ou como uma brincadeira para aliviar ao duro trabalho dos engenhos mais uma vez deixa-se ser dominado.

2. A intervenção e o processo de espetacularização dos maracatus de baque solto

No final do século passado, o carnaval do Recife era promovido nos salões, com seus bailes de máscaras e concursos de fantasias. Enquanto que nas ruas da cidade, a organização era feita por clubes de alegorias, clubes pedestres, maracatus, caboclinhos, bandas de músicas e grupo de mascarados. Mas, os maracatus e caboclinhos tinham pouco destaque por parte da imprensa, ou até mesmo entre a população de modo geral.

Entre o final do século XIX e início do século XX o carnaval do Recife começa a sofrer intervenções, cujo objetivo central das autoridades era manter a disciplina. As autoridades

policiais e os responsáveis pela organização do carnaval de rua tornam mais intensos o “policiamento” durante os dias de carnaval, pois a rivalidade entre os clubes se transformavam muitas vezes em violência. Segundo Dantas (1991), por muitos anos houve uma preocupação por parte das autoridades, de organizar o carnaval do Recife.

Desse modo, os anos trinta são marcados por uma forte competitividade e conflitos entre os clubes carnavalescos. E essa onda de violência tornou-se uma preocupação não só das autoridades políticas, mais também, dos “empresários” da época. As inseguranças durante os dias de momo eram tão grandes, que havia agremiações que ao sair para as ruas, durante o carnaval, solicitavam antes a proteção policial.

Para tornar mais organizado a festa foi criada a Federação Carnavalesca Pernambucana em 1934. A criação FECAPE deve ser vista como um dos muitos resultados de institucionalização do carnaval da cidade. Para Ivaldo, (2010) as elites locais precisavam ter o controle sobre o carnaval, acabar com a violência.

Por isso na década de trinta é criada a Federação Carnavalesca de Pernambuco, os argumentos que justificavam a sua criação era que a alta sociedade pernambucana estava interessada no progresso do estado, no entanto se fazia necessário tornar o Recife uma cidade do turismo, do carnaval e da ordem.

Logo após a sua criação as bases traçadas pela FECAPE começam a mostrar resultados. Nos anos de 1935 e 1936, logo no primeiro ano da criação da federação os jornais da época afirmavam: “o carnaval ocorreu sem nenhum incidente, em plena harmonia, sem uma gota de sangue derramado” (SILVA, 1991).

Mesmo diante de resultados positivos dos carnavais organizados pela Federação, desde sua criação, muitas críticas foram feitas a forma como a festa estava sendo organizada, pois a preocupação dos grupos e de executivos das companhias estrangeiras não era somente com os conflitos existentes nas ruas do Recife durante o carnaval e entre os clubes pedestres rivais, mas sim, com o comunismo, que ameaçava conquistar adeptos entre as camadas populares naqueles dias que antecederam a Intentona comunista de 1935 e a decretação do Estado Novo em 1937.

Na década de cinquenta a Federação Carnavalesca de Pernambuco inicia uma intervenção aos maracatus rurais, como por exemplo, o caso do maracatu Indiano que ano de 1957 deixa de ser de baque solto (maracatu rural) e passa a ser de baque virado. Mas a federação não só interveio no Indiano, mas também no Cambinda Estrela (1953); Almirante do Forte, que se transformou de maracatu rural a nação no período de 1965.

Essa “perseguição” aos maracatus de orquestra só tem fim nos anos 70. Mas, antes disso muitos maracatus rurais foram “perseguidos” e proibidos de se apresentar no desfile oficial organizado pela Federação Carnavalesca de Pernambuco, eles eram considerados não-autênticos, maracatus de segunda categoria e além disso ganhavam um subvenção menor do que os maracatus de baque virado (REAL, 1990).

Enquanto que nas décadas anteriores os maracatus rurais sofreram uma intervenção, na atualidade, esses grupos tem sido um dos objetos do capitalismo, que tenta obter lucros ao promover a exibições da cultura popular nos mais diversos locais do estado.

O maracatu rural ao longo dos anos também vêm sofrendo com o processo de espetacularização, pois a industria cultural tem fomentado o uso dos maracatus de baque solto como um espetáculo “exótico”, cujo principal objetivo é satisfazer a curiosidade de turistas. Os maracatus vêm ganhando espaço tanto na mídia quanto no carnaval. Durante os três dias de momo, da capital aos interiores da Zona da Mata Norte de Pernambuco é comum encontrar caboclos ou até mesmo um maracatu inteiro pelas ruas, dentro de ônibus indo para algum pólo de animação.

Uma dessas apresentações ocorre na segunda feira de carnaval em Nazaré da Mata, cidade que fica aproximadamente 70 km de Recife. Nazaré da Mata desenvolveu com o status da “cidade dos Maracatus de baque Solto”. O encontro de maracatus na segunda feira de carnaval faz subir ao palco principal dezenas de maracatus rurais. Eles vêm de todas as cidades se

apresentarem na praça principal e no final da cada apresentação eles recebem um troféu das mãos do prefeito em agradecimento pela vinda ao evento.

Assim o maracatu de baque solto a cada dia vem ganhado um maior espaço na mídia por estar sendo consolidado como o símbolo de Pernambuco. Para Ana Valéria Vicente, 2003, p.19, “Em busca de beleza e reconhecimento, e obviamente espelhados em outras referências de carnaval e da mídia, o desfile dos maracatus se transformou num espetáculo de cores e beleza”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Federação Carnavalesca de Pernambuco surgiu em período de grande efervescência política, não só em Pernambuco, mas no país como um todo. A criação da FECAPE foi apenas mais um dos mecanismos criados para o controle do Estado Novo sobre a população.

Quando criada em 1935 a FECAPE surge com objetivo “civilizar” e “controlar” o carnaval de Pernambuco. Porém, com o fim do estado novo e a saída de Getúlio Vargas do poder se fez necessário criar outro órgão para a organização do carnaval do Recife.

Com o fim político da Federação Carnavalesca de Pernambuco, a organização do carnaval oficial passou a ser responsabilidade do poder executivo municipal, tendo a Federação, antes soberana, um voto nas comissões de organização da festa.

O carnaval que vai se consolidar com fim da supremacia da Federação sobre os dias de momo e o da festa “livre”, no qual todos podiam, aparentemente, brincar sem amarras, sem medo de repressão. Os carnavais seguintes foram marcados pelo retorno de tudo aquilo que era proibido: máscaras, clubes alegóricos e livre-itinerário.

O processo de espetacularização que os maracatus rurais sofrem na atualidade é um processo natural da sociedade capitalista. As manifestações populares já não pertencem apenas aos seus protagonistas. A cultura “tradicional” no mundo globalizado é também de interesse dos grupos midiáticos, do turismo, empresas de bebidas e tantas outras organizações sociais, culturais e econômicas.

Os dificuldades financeiras dos brincantes contribuem para acentuar o processo de espetacularização dos maracatus rurais. Pois diante das necessidades financeiras, os macatuzeiros passam a ver o brinquedo como uma fonte de renda.

As manifestações culturais têm suas origens nas comemorações feitas nas comunidades, que na sua maioria encontram-se na periferia das grandes cidades. E para atender a uma nova ordem econômica do mundo globalizado, e o do consumo dos bens materiais e imateriais transformam-se em acontecimentos midiáticos e turísticos, que envolvem o interesse de político e dos empresários das redes de televisão. Os brincantes, na sua maioria, desempregados ou subempregados, aproveitam a espetacularização das festas e da cultura para obter alguma renda e reorganizar a economia familiar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, M.E.A. **Cruzeiro do Forte**: a brincadeira e o jogo de identidade em um maracatu rural. Recife. Dissertação de mestrado em Antropologia, UFPE, 1997.

FERREIRA, Ascenso. **Ensaio folclóricos**. Recife: secretaria de educação do estado de Pernambuco, 1986. SANTOS FILHO, João dos. O turismo brasileiro: equívocos, retrocessos e perspectivas – o balanço que nunca foi feito. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá (PR), nº. 25 junho de 2003. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/025/25jsf.htm>. Acesso em 27 de julho de 2011.

- LIMA,IVALDO MARCIANO DE FRANÇA. **Entre Pernambuco e a África. História dos maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960-2000)**. Rio de Janeiro, Tese de doutorado em História, UFF, 2010.
- MEDEIROS, Roseana Borges de. **O caboclo de lança do maracatu rural, o trabalhador rural se prepara para enfrentar a luta de classes**. CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE FOLKCOMUNICAÇÃO,7.Disponível em:
<http://encipecom.metodista.br/mediawiki/index.php/O_caboclo_de_lan%C3%A7a_do_Maracatu_Rural,_o_trabalhador_rural_se_prepara_para_enfrentar_a_luta_de_classes>.Acesso em: 23 março. 2012.
- MEDEIROS, Roseana Borges de. **Maracatu Rural: luta de classes ou espetáculo?**. Recife: Fundação de cultura da cidade do Recife, 2005.
- QUEIROZ, Martha Rosa Figueira. **Onde Cultura é Política: Movimento negro, afoxés e maracatus no carnaval do Recife. (1979- 1995)**. Brasília, Tese de doutorado. em História, UnB, 2010.
- REAL, Katarina. **O folclore no carnaval do Recife**. Recife: Massangana,1990.
- .SILVA, Leonardo Dantas. **Maracatu: presença africana no carnaval do Recife**. Recife: FUNDAJ, 1988.
- _____, Leonardo Dantas. Elementos para história social do carnaval do Recife. In: Maior ,M. S; Silva, L.D. **Antologia do carnaval do Recife**. Recife: FUNDAJ, editora Massagana, 1991)
- _____, Leonardo Dantas. **Carnaval do Recife**. Recife: Prefeitura da cidade do Recife, 2000.
- SILVA, Severino Vicente da. **Maracatu Estrela de Ouro de Aliança: a saga de uma tradição**. Recife: Reviva, 2008.
- THOMPSON, E. P. Folclore, antropologia e história social. In: NEGRO, Antônio Luigi e SILVA, Sérgio (orgs.). **As Peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2001.
- VALENTE, Waldemar. **Folclore Brasileiro: Pernambuco**. Rio de Janeiro: FUNART, 1977.
- VICENTE, Ana Valéria. **Maracatu rural - o espetáculo como espaço social: um estudo sobre a valorização do popular através da imprensa e da mídia**. Recife: Associação Reviva, 2005.